

Movimento e Gestualidade

A fala simbólica do corpo social

Angelo Vargas

Hoje, pesquisas avançadas mostram que macacos se comunicam através de uma série de gestos e gritos. Outras investigações apontam para o fato de que o gestual dos surdos-mudos de culturas diferentes (como a chinesa e a americana, por exemplo) convergem para significados comuns. Homens e animais comungam no uso da linguagem gestual.

O gesto é uma das primeiras expressões do sentimento que a natureza deu ao homem; é a sua primeira função, vem junto com o seu código genético. A linguagem gestual é universal porque se funda na natureza. O gesto é a linguagem que mais se aproxima da indiferenciação embora exista a irredutível diferença e esta conjugação de desvio e de identidade é a mesma que conjuga, para o homem, as forças da realidade e do sonho, da razão e da emoção, da vida e da morte, do ser e do não-ser.

O gesto está pleno de natureza e cultura. O mobiliário escolhido por uma população irá determinar uma forma ergonômica das posturas de suas manifestações sociais. O beijo expressa as diferentes manifestações do amor e da amizade. Um movimento de cabeça pode significar sim ou não. Se os olhos falam, as mãos são capazes de discursos eloquentes, de ordens mortais ou de carícias brutais.

O corpo fala sobre o homem animal e sobre o ser social. Através do gesto, o corpo socializa-se e, ao mesmo tempo, individualiza-se,

ou seja, os códigos sociais imprimem-se no corpo. Pelo gesto, o homem marca sua identidade em forma que lhes são tanto interiores quanto exteriores, tanto individuais quanto sociais, tanto conscientes quanto inconscientes. E o que se fala, através dos gestos, é o código sempre aberto da identidade e da essência, da solidão radical e da mais absoluta comunhão.

GESTO E LINGUAGEM

Gesto e linguagem caracterizam a humanidade do homem por terem a mesma estrutura: são cadeias simbólicas com raízes na mesma estrutura. A mão que forjou o primeiro instrumento inventou o ser humano. A garganta que articulou o grito em sons significantes transcendeu a animalidade e criou a cultura.

Foi um longo caminho. A evolução psicomotora a partir dos primeiros vertebrados realizou-se mediante a aquisição de territórios novos que conservam a importância funcional dos precedentes. Esses “gestos primordiais” podem ser resgatados em observações de crianças em estados críticos. SPITZ (1957), analisou o que denominou “movimentos afalógiros negativos”, onde um grupo experimental de crianças que sofria de uma determinada síndrome hospitalar sabia fazer movimentos para dizer “não” sem serem desen-cadeados por reflexos neurais nem ter uma função semântica. Relacionou este proceder a esquemas motores pré-formados que se vêem

num feto de três meses e nos animais nidificantes. Este movimento cefalógiro negativo não é uma recusa: é a tentativa de reduzir tensão causada pela aproximação de alguém e representa uma regressão ao período pré-objetal. O “não” gestual ou uma regressão ao período pré-objetal constitui um laço de identificação com a figura que causa desprezo.

Por sua vez, FREUD acredita que aos seis meses de idade uma criança já está pronta para a auto-expressão em contato com o mundo adulto. Por volta dos 15 meses, o gesto “não” tem um significado semântico, voltando-se contra pessoa ou objeto. Lábios e mãos ligam-se muito à função objetal, como nos reflexos de sucção, apreensão, ligação mão-face.

A oposição semântica sim/não não se constrói a partir de comportamentos inatos e, neste sentido, o movimento de cabeça para trás ou para frente pouco importa. O que é relevante é a entrada constitutiva do homem no simbólico, retomado de movimentos estereotipados e instintivos por regressão à animalidade. DARWIN sustentava que os principais atos expressivos do homem e dos animais eram inatos e hereditários. Certos movimentos que necessitam de um longo exercício podem muito bem serem usados de maneira consciente e voluntária como forma de exprimir o pensamento.

O impacto do simbólico no indivíduo autoriza a falar em gestos. O gesto não existe sem a imersão regressiva na animalidade. Quando a criança brinca com os alimentos e manipula brinquedos associando sons, liga-se a esta unidade de gesto. A ruptura dessa unidade é provocada de fora, por imitação, e determina a abertura para o exterior e a aquisição do real pelas cadeias simbólicas. Movimentos como trabalhar, brincar, fazer carinho ganham sentido sobre o fundo de não-sentido gestual. O fundo gestual sobre o qual se

estabelece a comunicação é o mundo da cultura, isto é, o corpo social codificado.

BENVENISTE (1966), traça uma clara diferença entre a “linguagem” das abelhas (estudada por FRISH) e a linguagem humana. Na “linguagem” das abelhas, não é possível assimilar a mensagem indicando a direção e a distância das flores que devem ser procuradas não podendo ser comparadas à linguagem humana. Além de ser gestual e não-vocal, a “linguagem” das abelhas não pede qualquer resposta, mas apenas um comportamento: não há interlocução, diálogo, não é reproduzível. Ou seja: uma abelha que recebe uma mensagem não pode transmiti-la de novo e não funciona, como a linguagem humana, como substitutivo de uma experiência. O simbolismo é unívoco, não é analisável nem constitutivo. As abelhas não têm uma linguagem: elas possuem um código de sinais.

Faz-se necessário, assim, na abordagem da linguagem gestual humana distinguir os sistemas semióticos gestuais separados do discurso, tais como no caso da linguagem dos surdos-mudos, dos monges em clausura, dos jogadores de vôlei, etc. Mesmo os sistemas semióticos não podem ser separados da linguagem. O gesto está ligado, também, à ideologia de um todo social. E, se existe unidade entre o gesto e a linguagem, ela não está na globalidade do comportamento que os inclui, mas no fato de representarem dois aspectos específicos de uma mesma lei: a submissão do homem à lei do simbólico. Dentro desta lei, gesto e palavra trocam de papéis. O gesto, então, aparece como reforço da palavra e suplemento da verdade. Por isso, o estudo, comunidades ou civilizações não podem ser feitos sem abordar a palavra dentro da gestualidade e a gestualidade dentro da palavra.

LINGUAGEM E MOVIMENTO

A comunicação através da linguagem do corpo nos diz muito a respeito do ser humano. A comunicação psicossomática é uma fala gestual, silenciosa, mas altamente reveladora.

No relacionamento interpessoal, o comportamento passa a ser fator de aproximação ou repulsa entre seres humanos. Em um simples movimento sabemos diferenciar se uma pessoa nos aceita ou rejeita, se mente ou finge, se é sincera ou falsa. A necessidade de se promover harmonia inicia-se com um simples olhar e desencadeia toda uma postura corporal que arregimenta braços, tronco, mente.

Antes da palavra falada, o gesto caracteriza a linguagem corporal. Na formação de grupos sociais, cada pessoa tem sua personalidade e a preservação dessa personalidade se dá pelo cuidado em manter uma individualidade na atitude mental e corporal desejada ou inconsciente. Evitar ansiedade, dissolver agressão, promover defesa, são transformados em gestos dinâmicos e desinibidos com o objetivo de comunicar, através dos gestos, uma linguagem que destaca o individual do seu fundo social.

Toda relação interpessoal pressupõe comunicação. Toda comunicação coopta o indivíduo e o social. WALLON (1990), salienta que, entre o indivíduo e o seu meio há uma unidade indissolúvel. Não há separação possível entre o indivíduo (homem) e o meio (sociedade), ou melhor, não há oposição entre o desenvolvimento psicobiológico e as condições sociais que o impulsionam. A sociedade é para o homem uma necessidade orgânica que determina o seu desenvolvimento (portanto a sua inteligência) e em que a aquisição de conhecimento é um patrimônio extrabiológico do

grupo onde vai evoluir e existir. No ser humano, o desenvolvimento biológico (isto é, a sua maturação nervosa e psicomotora), e o desenvolvimento social (isto é, a apropriação da experiência social) são condições um do outro.

Linguagem é corpo em movimento. A gênese da psicomotricidade está ligada ao meio, já que é este que, ao solicitar o organismo, numa dialética interminável, atualiza as possibilidades e as capacidades. A vivência corporal não é senão o fator gerador das respostas adequadas, onde se inscrevem todas as tensões e as emoções que caracterizam a evolução psico-afetiva do ser humano. Segundo as vivências motoras da criança, por exemplo, o tônus adquire uma expressão representativa, demonstrada ao longo da evolução da tonicidade.

A experiência humana é uma totalidade biopsicossocial na medida em que a maturação neurológica (fator biológico) representa o resultado da dialética da quantidade e da qualidade de estimulação proporcionada pelo adulto socializado, que também, por esse fato, é portador de valores culturais (fator sociológico). A edificação de uma personalidade resulta da interação entre o potencial hereditário e o meio, entre fatores endógenos e fatores exógenos, entre a atividade bioquímica e a bioelétrica do cérebro e a aprendizagem social, ou seja, tudo o que permite a apropriação dos valores histórico-culturais de uma dada sociedade. O corpo do indivíduo está ligado ao corpo social e, em resumo, a evolução da linguagem é dependente da maturação biossocial, isto é, da maturação neurológica, por um lado, e da apropriação do real e da experiência social, por outro. Ambas se completam e se interrelacionam, materializando o desenvolvimento e o desempenho biopsicossocial.

O CORPO DA FALA E A FALA DO CORPO

A gênese da psicomotricidade envolve um dado significativo que é o conhecimento do próprio corpo e a complexidade de sua estrutura de representação no mundo. A noção de esquema corporal inicia-se quando passamos a ver o ser humano como corpo em movimento, com uma essência interna que o move a ações, pensamentos e gestualidades.

Desde sempre o ser humano vem sendo fracionado em corpo e alma, barro e luz, carne e espírito, eu e outro, etc. Uma visão moderna aponta para a busca da unidade; uma unidade holística que diz: “O meu corpo sou eu em meu próprio mundo. É o meu corpo em movimento que me envolve no mundo. Habito o mundo pelo meu corpo. O meu corpo é para mim o mundo”. A corporalidade é uma totalidade que aparece como abertura para o mundo: o corpo torna-se um eixo de percepção existencial, sendo o agente do sujeito na percepção do mundo que o envolve.

A atividade do corpo se desenvolve no campo de suas próprias transformações e nos limites de atividades automáticas durante as quais ele sofre a experiência, se experimenta e é experimentado. A ação não é uma simples atividade motora, mas, no plano das estruturas, ela é um círculo sensitivo-motor e, durante sua realização, uma atividade com um fim definido em um espaço orientado em relação ao corpo. O corpo vive sob a pressão de necessidades biológicas, uma certa cronologia, horas de sono e horas de vigília impostas, que são, pelo menos virtualmente, elementos de presença ou de ausência, de fome e de espera. Durante um longo tempo, o ser humano experimenta satisfações e frustrações nos primeiros contatos com outros seres humanos. Os toques, contato olhar a olhar, sensações na pele, impregnações tônicas, modo de ser abraçado ou recebido faz ainda com que o corpo seja difuso e caótico em definições e sensações, projetando e introjetando mo-

vimentos e deslocamentos, falas e silêncios a cada segundo.

Sob o ponto de vista biopsicossocial, comportar-se como o outro é abrir-se para o mundo da comunicação e do conhecimento, sair do ser em si e situar-se no ser social. Comportar-se como outro é meter-se na pele do outro (não apenas no seu espírito), em sua maneira de ser, em suas atitudes tônico-posturais e maneira corporais: o sujeito imita e vive as maneiras, os gestos e as falas corporais do outro.

Nesse jogo, define-se uma personalidade, um gênero, uma fala corporal.

A aceitação ou a recusa do gênero depende dos comportamentos e de suas correlações no plano do real e do imaginário.

Os cânones da forma corporal que definem o gênero são variáveis com as épocas e as civilizações: o ideal feminino, por exemplo, pode ser das formas abundantes do período renascentista ou das formas longilíneas do período atual. Dentro desse “jogo do corpo” ou da tentativa de impor uma fala única ao corpo, podemos rastrear toda uma visão de “manipulação” do corpo humano. Uma visão que incorpore a total liberdade como o ideal de realização de uma personalidade, teria que enfrentar toda uma espécie de “ditadura” imposta ao corpo através da moda das academias de ginásticas, das dietas, dos nutricionismos, etc. Nesse sentido, o corpo humano é um campo de batalha para todas as formas possíveis de “falas”, mas ele deve ser preservado num espaço irredutível que é o espaço de sua linguagem. Independente dos modismos, das esculturas corporais ou das manipulações químicas, o corpo deve ser livre para expressar seu movimento sem que o indivíduo tenha que se escravizar ao corpo social. O gesto extremo do corpo é o exercício dinâmico de sua liberdade.

A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DO CORPO

A história do movimento e do gesto está sendo escrita. E essa história passa por um mapeamento do corpo. Não resta a menor dúvida de que o corpo é uma feira monumental de falas e de significados. Fecha-se o corpo, abre-se o corpo, tira-se o corpo fora, faz-se corpo mole, luta-se e principalmente ama-se corpo-a-corpo. O corpo pode ser bem-feito ou mal feito. Pode ser caloso, cavernoso, diplomático, discente, docente, perturbador, pré-estelar, redondo, primitivo, estranho. Existe corpo de guarda, de delito, de baile. O certo é que o corpo é o mais natural, o mais concreto e o maior patrimônio que o homem possui.

Durante milhões de anos, a natureza vem modelando nosso corpo com seus 50 trilhões de células em média; um esqueleto com cerca de doze quilos e pouco mais de 200 ossos; um coração que bate constantemente numa velocidade de 60 a 80 vezes por minuto e que em 100 anos de trabalho fiel terá batido quatro bilhões de vezes e terá bombeado 600 mil toneladas de sangue. Mas, ainda que presos à natureza, podemos dizer que o corpo é também social.

Nenhum animal transforma voluntariamente seu corpo como o próprio homem. Desde a tatuagem à cirurgia corretiva, da deformação do crânio ao halterofilismo, do parto de cócoras ao bebê de proveta, o homem tem interferido no seu corpo de todas as formas possíveis (Vargas, 1989).

Além disso, as sociedades humanas agem sobre o corpo através de etiquetas, sanções e proibições, de prêmios e de castigos, de leis e penas, de normas e códigos, de falas e de silêncios. Tudo isso vai se refletir na forma de andar, de saltar, de correr, de dormir, de amar, de se alimentar, etc. Nesse sentido, o corpo é uma encruzilhada de acontecimentos culturais e sociais, animais e psíquicos. Uma confluência de fenômenos, uma rede

de emoções, uma teia de movimentos e um repertório inesgotável de gestos.

O corpo é uma paisagem marcada por forças sociais, por sistemas de parentesco, sistemas políticos e religiosos. O corpo é um complexo de símbolos que vai além de si mesmo. O corpo é fonte de falas: fala-se com a boca, com as mãos, com os olhos, com o rosto, enfim, fala-se com o corpo inteiro porque o corpo sempre faz sentido.

O homem biopsicossocial está presente em nossos discursos, em nossas falas, mas a prática não concretiza a teoria. Uma história do movimento e dos gestos (da motricidade humana) deve abarcar o homem por inteiro, juntar movimento, sentimento, razão, indivíduo, sociedade num mesmo corpo. SANTIN (1987) ensina que a mobilidade humana não pode ser reduzida a um mecanismo repetitivo, mas deve incorporar o homem inteiro porque “é o homem todo que age, que se movimenta”.

No exato instante em que a clonagem de seres humanos começa a se transformar numa realidade, o grande temor de todos é que seja imposto ao corpo humano um rosto único, um único movimento e uma única fala. Acostumados ao esplendor da multiplicidade das manifestações corporais, nosso inconsciente teme a uniformização vazia e monotona-mente repetitiva. A percepção de nossa individualidade passa pela interação com o corpo social: o eu precisa do outro para semear sua unicidade radical. Por isso, amamos o movimento, que é vida, e tememos a inércia, que é o fim da vida. Amamos os gestos, as palavras, as falas, os símbolos. E achamos difícil aceitar a decadência corporal porque, ainda que o corpo seja a casa do espírito, a nossa experiência vital dá-se através da conquista do mundo através dele: quando o corpo não fala, o mundo se cala.

Bibliografia

- BENVENISTE, E.
“Communication animale et langage humain”, in Problème de linguistique générale. Paris, Gallimard, 1966.
- COSTA, Jurandir Freire.
História da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro, Documentário, 1976.
- MONTAGNER, H.
Communication non verbale et discrimination olfactive chez les jeunes enfants: approche théologique. Paris, Seul, 1974.
- SANTIN, S.
Educação Física - Uma Abordagem Filosófica da Corporeidade. IJUI, RS. UNIUI Editora, 1987.
- SPITZ, R.
No and yes, on the genesis of human communication. New York, International Universities Press, 1957.
- VARGAS, A. L. S.
A Educação Física e o Corpo: A Busca da Identidade. Rio de Janeiro. Ed. Sprint, 1989.
- WALLON, H.
O desenvolvimento psicológico da criança. vol. 1. Lisboa, Moraes, 1990.
- WEIL, Pierre, e TOMPAKOU, Roland.
O corpo fala - a linguagem silenciosa da comunicação. Petrópolis, Vozes, 1990.